

PIRES, Francisco Murari. *Modernidades tucidideanas: Ktema es Aei*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2007. 294 p.

Lyvia Vasconcelos Baptista*
lyviavasconcelos@gmail.com

Como se percebe do título do livro, *Modernidades Tucidideanas*, seu teor concentra-se na articulação entre diferentes configurações intelectuais do tempo. Dividida em quatro capítulos, a obra apresenta um eixo de argumentação moldado pela fórmula, proferida por Tucídides, no livro primeiro, do *ktema es aei* ou “aquisição para sempre”, como tentativa de validar o objetivo a que se destinara sua *História*.

Enfocando o tempo do humanismo renascentista (período em que se iniciaram as traduções da obra de Tucídides), Francisco Murari Pires evidencia por quais categorias epistemológicas os modernos ajuizaram os textos antigos, principalmente o tucidideano, ou seja, como cada contemporaneidade atualizou sua própria leitura da *História da Guerra do Peloponeso*. Nesse sentido, interessa saber como as lembranças tucidideanas foram retomadas pelos renascentistas e como se podem estabelecer, a partir desse fato, possibilidades de diálogos entre os textos antigos e modernos.

A capacidade narrativa do historiador ateniense foi considerada, na cultura ocidental, como portadora de tal virtuosidade, que se atribuiu a ela, o fundamento da autoridade historiográfica. Francisco Murari Pires afirma que Tucídides foi, freqüentemente, retomado pela epistemologia do discurso científico, sempre acompanhado de resquícios bélicos, seja como modelo narrativo para a descrição das experiências de guerras contemporâneas à escrita de diversos autores, seja como repertório de ensinamentos para a eficácia do projeto beligerante da atualidade da leitura (p. 17).

As considerações desenvolvidas ao longo do livro centram-se na retomada da escrita tucidideana pelo humanismo renascentista e são direcionadas pelas figuras emblemáticas de Leonardo Bruni, Lorenzo Valla e Leon Battista Alberti.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás.

No primeiro capítulo, com uma riqueza de informações indiscutível, Francisco Murari Pires esboça a trajetória dos clássicos nos ambientes renascentistas. Segundo o autor, do interesse dos reis de Aragão, ao longo do século XIV, surge a tradução tucidideana pelas mãos de Juan Fernández de Heredia. Mas é na segunda metade do *Trecento* e início do *Quattrocento* que Tucídides, juntamente com outros autores da Antigüidade Clássica, ressurgem na modernidade ocidental (p. 35). A *História da Guerra do Peloponeso* é resgatada pelos humanistas italianos e um número significativo de cópias manuscritas e traduções começa a circular. Sob a proteção do papa Nicolau V, numa espécie de incentivo pioneiro, vários textos gregos foram cuidadosamente traduzidos pelos humanistas. Lorenzo Valla tornou-se, nesse período, responsável por uma dessas traduções, representando não raras vezes, através das iluminuras, um Tucídides em motivos humanistas, e apresentando uma retórica sustentada pelo imaginário do feito heróico (p. 49).

Da tradução de Valla à de Thomas Hobbes, Tucídides foi diversas vezes (re)apropriado. Claude de Seyssel traduziu a *História* tucidideana para o francês, em 1514, a fim de promover o prestígio cultural do reino da França, bem como de oferecer ao rei a sabedoria do conselho régio. A tradução é significativa, como nos informa Murari Pires (p. 59), e permite a percepção de que a língua funciona como instrumento de projeção estatal. Outras cópias foram produzidas neste período, em que se ressalta a intensa ligação da obra de Tucídides com os representantes de poder, de modo a servir como orientação para o homem moderno nas suas lutas e disputas. Thomas Hobbes elabora, em 1629, uma tradução de muito prestígio no pensamento político moderno. Hobbes valida sua ação pela idéia da *historia magistra vitae*, visto que a construção tucidideana ofereceria lições experientes de um passado, sempre atualizadas e em diálogo com os dilemas do presente, constituindo um saber útil.

Francisco Murari Pires inicia o segundo capítulo expondo os argumentos de pesquisadores acerca da presença metodológica tucidideana de crítica de tradições na obra do florentino Leonardo Bruni. A finalidade pela qual a história de Bruni é escrita ecoaria o *ktēma es aei* de Tucídides como mera reprodução para alguns. Para outros, menos “positivistas”, todavia, a obra *História do povo florentino* de Bruni representaria a maior obra histórica do Renascimento italiano, justamente pela sua ousadia de concepção, originalidade, estilo e influência.

Adiante, abordando a concepção ciceroniana da *historia magistra*, o autor promove uma (des)construção da figura do historiador, como sujeito

dotado de autoridade para escrever história na Antigüidade. Termina (sem, no entanto, encerrar) a discussão abordando as maneiras como essa autoridade foi lançada pelo próprio sujeito elaborador da obra. No caso tucidideano, Murari Pires menciona a ênfase na *persona* de historiador, em detrimento da figura de cidadão ateniense, o que desenvolveria, na narrativa, o aparecimento da figuração heróica.

No terceiro capítulo, o autor aponta o desenrolar de uma historiografia que ora aproxima, ora distancia as lógicas de racionalidade crítica de Valla e Tucídides, prevalecendo a concepção moderna de que há, de fato, uma vinculação entre as obras *História da Guerra do Peloponeso* e a *Declamatio de Falso Credito et Ementita Constantini Donationae* na forma em que se realiza a crítica histórica.

Após tal elucidação, Murari Pires apresenta uma análise sobre os dizeres do próprio Valla a respeito da obra tucidideana ou, mais precisamente, expõe o lugar da figura tucidideana nas reflexões de Valla sobre a constituição e fundamentação da história. Para o autor, o juízo apresentado por Valla sobre a obra de Tucídides é, sobretudo, mediado pela percepção latina da historiografia antiga.

Neste capítulo também encontramos a discussão acerca da “operação investigativa de indiciamento”, cuja característica principal apresentase como um componente da argumentação tucidideana no que se refere à busca da verdade dos acontecimentos. O nome de Carlo Ginzburg é colocado em destaque como pesquisador emblemático na discussão do paradigma indiciário.

O último capítulo, dedicado precipuamente à presença de informes tucidideanos em Leon Battista Alberti, principalmente através da obra *De Re Aedificatoria* – um tratado de teoria arquitetônica que demonstra amplo conhecimento em relação aos textos da Antigüidade Clássica utilizados –, situa Tucídides como interlocutor de um renascentista italiano. Nas citações, Alberti plenificaria a memorização do pensamento tucidideano através do seu próprio pensamento, construindo uma teoria da “arte edificatória” a partir da consideração do saber dos antigos.

O autor dedica as últimas páginas da obra ao tratamento da relação entre monumento e poderio, questões presentes na obra de Battista Alberti e que se referem também ao conteúdo tucidideano. Ao apontar para uma paridade de poderio bélico entre Atenas e Esparta, durante a Guerra do Peloponeso, embora a paisagem futura dessas cidades (se formada apenas dos templos e construções que restaram) levasse os homens a interpretar enganosamente que Atenas era duplamente superior e Esparta duplamente

inferior ao que realmente eram, Tucídides instaura um questionamento acerca da monumentalidade das ações, dos feitos e do poder das cidades. Em Atenas, o programa edilício de embelezamento e celebração glorificante da cidade é ligado ao nome de Péricles. Mais do que uma simples personagem na trama tucidideana, a figura de Péricles ou a memória daquilo que realizou e representou é quase monumental, nesse sentido. Associado ora à tirania, ora à democracia, parece, entretanto, permanecer numa memorização histórica heroicizante. Tal fato, alude Murari, relaciona-se diretamente a outro dilema presente na história do *ktema* tucidideano: aquele que liga Péricles às questões ideológicas sobre a forma ideal de regime político, envolvendo os conceitos de monarquia e tirania.

O desfecho da obra amplia a discussão sobre como o legado dos antigos atua como elemento constituinte da experiência e saber dos modernos. Os interessados em estudar a obra tucidideana, através de suas (re)leituras, a partir de um viés atualizado e inovador, e em analisar como se desenvolvem as nossas relações com o tempo, ou seja, os modos pelos quais presente e passado se conectam na escrita da história, encontram neste livro um material riquíssimo, essencial e de leitura agradável.